

Elisabeth da Trindade *e sua Missão Espiritual*

Hans Urs Von Balthasar

Tradução: Irmã Maria Angélica da Eucaristia, ocd

Edição atualizada e revisada



Montes Claros
2016

© - EDITORA UNIMONTES - 2016
Universidade Estadual de Montes Claros

REITOR

Professor João dos Reis Canela

VICE-REITOR

Professor Antonio Alvimar Souza

DIRETOR DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES

Jânio Marques Dias

EDITOR GERAL

Antônio Dimas Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA

Imprensa Universitária/Unimontes

DIAGRAMAÇÃO

Bernardino Mota / Sanzio Mendonça

EDITORA UNIMONTES

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Adelica Aparecida Xavier;
Prof. Alfredo Maurício Batista de Paula;
Prof. Antônio Dimas Cardoso;
Prof. Carlos Renato Theóphilo;
Prof. Casimiro Marques Balsa;
Prof. Elton Dias Xavier;
Prof. José Geraldo de Freitas Drumond;
Prof. Laurindo Mékie Pereira;
Prof. Otávio Soares Dulci;
Prof. Marcos Esdras Leite;
Prof. Marcos Flávio Silva Vasconcelos Dângelo;
Profa. Regina de Cássia Ferreira Ribeiro.

REVISÃO LINGÜÍSTICA

Francisco Rodrigues Júnior

CATALOGADO PELA DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES (DDI) - UNIMONTES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B197e Balthasar, Hans Urs von.
Elisabeth da Trindade e sua missão espiritual / Hans Urs von
Balthasar ; tradução de Irmã Maria Angélica da Eucaristia. –
Montes Claros (MG) : Unimontes, 2016.

170 p. : il. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-7739-694-8

1. Ordens monásticas e religiosas. 2. Vida monástica e religiosa. 3. Carmelitas. 4. Elisabeth de La Trinité, sour. 5. Mística. 6. Espiritualidade. I. Maria Angélica da Eucaristia, irmã. I. Título.

CDD 271.971

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

EDITORA UNIMONTES
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil
CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126
www.unimontes.br
editora@unimontes.br

Filiada à



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS**

APRESENTAÇÃO

Este livro “Elizabete da Trindade e sua Missão Espiritual”, do consagrado autor Hans Urs Von Balthasar, agora traduzido do francês pela Madre Maria Angélica da Eucaristia, ocd. do Carmelo Maria Mãe da Igreja e Paulo VI, de Montes Claros, MG, é uma nova riqueza de fomento da genuína espiritualidade cristã.

O texto ora publicado em nossa língua mãe apresenta a Predes-tinação, o infinito de Deus, a Adoração, o Louvor e o Serviço. Não se trata somente de referências piedosas, mas, práticas de relação do humano com o divino, na experiência de Elizabete, focalizando o grande amor do humano à fonte do mesmo, com proveito para quem sabe relacionar-se intimamente com o Criador.

A tradutora nos presenteia com esta obra de primor espiritual dessa mulher.

Vale a pena uma entrada confiante neste livro, através da leitura interiorizadora para um enriquecimento e fortalecimento da espiritualidade.

Montes Claros/MG, 22 de março de 2016.


D. José Alberto Moura, CSS
Arcebispo de Montes Claros/MG

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

“Meu coração está sempre com Ele e dia e noite pensa sem cessar nesse celestial, divino Amigo...”

Dizia o Frei Luís de Leon, insigne professor da Universidade de Salamanca, no século 16, que não havia tido a sorte de conhecer Santa Teresa de Jesus em pessoa, mas muito se alegrava de ter conhecido seus livros e suas filhas carmelitas descalças. Sucede o mesmo conosco na apresentação da tradução brasileira da clássica obra, *“La Vigne du Carmel”* do teólogo alemão, Hans Urs Von Balthasar, tratando da Bem Aventurada Elisabete da Trindade. Assim, parafraseando o Frei Luís de Leon, também não nos foi dado o privilégio de conhecer a Elisabete Catez (Elisabete da Trindade) que viveu no apagar das luzes do século 19 e florescer do século 20 (1880-1906), mas fomos agraciados por conhecer e conviver com uma de suas irmãs carmelita descalça que ora concretiza a tradução e publicação para o português dos ensinamentos luminosos da religiosa francesa. Estamos nos remetendo, a Sophia Maria Esteves de Mello, para a família carmelitana – Madre Maria Angélica da Eucaristia e para os amigos e suas filhas e filhos espirituais, *“Nossa mãe”*.

Assim, para se entender a presente publicação e a profundidade teológica e de intimidade com a Santíssima Trindade que emana dos escritos singelos, mas profundos de Santa Elisabete da Trindade, de maneira sintética faremos alguns comentários sobre a tradutora desta obra, Madre Angélica. Na Sagrada Escritura, encontramos que: “naqueles dias, o jovem Samuel servia ao Senhor na presença de Eli. Naquele tempo a palavra do Senhor era rara e as visões não eram frequentes. Aconteceu que, um dia, Eli estava dormindo no seu quarto. Seus olhos começavam a enfraquecer e já não conseguia enxergar. A lâmpada de Deus ainda não se tinha apagado e Samuel estava dormindo no templo do Senhor, onde se encontrava a arca de Deus. Então o Senhor chamou: “Samuel, Samuel!” Ele respondeu: “Estou aqui”. E correu para junto de Eli e disse: “Tu me chamaste, aqui estou”. Eli respondeu: “Eu não te chamei. Volta a dormir!” E ele foi deitar-se. O Senhor chamou de novo: “Samuel, Samuel!” E Samuel levantou-se, foi ter com Eli e

disse: “Tu me chamaste, aqui estou”. Ele respondeu: “Não te chamei, meu filho. Volta a dormir!”. Samuel ainda não conhecia o Senhor, pois, até então, a palavra do Senhor não se lhe tinha manifestado. O Senhor chamou pela terceira vez: “Samuel, Samuel!” Ele levantou-se, foi para junto de Eli e disse: “Tu me chamaste, aqui estou”. Eli compreendeu que era o Senhor que estava chamando o menino. Então disse a Samuel: “Volta a deitar-se e, se alguém te chamar, responderás: “Senhor, fala, que teu servo escuta!” E Samuel voltou ao seu lugar para dormir. O Senhor veio, pôs-se junto dele e chamou-o como das outras vezes: “Samuel, Samuel!” E ele respondeu: “Fala, que teu servo escuta”. Samuel crescia, e o Senhor estava com ele”.

Observando o texto bíblico do Livro de Samuel, pode-se transpô-lo para o “sim” ao chamado de Deus de Madre Angélica e de suas irmãs carmelitas. O processo vocacional de uma carmelita descalça se dá no silêncio, na oração, na contemplação do Filho, pelas mãos da Virgem do Carmo. Como toda filha de Santa Teresa, Madre Angélica desde tenra idade, nas terras de Grão Mogol, Norte de Minas Gerais, tem bebido na fonte da espiritualidade e seu próprio coração emana: “Deus! Só o amor Dele pode me satisfazer”. Em sequência, na estrada da vida, a jovem Sophia, após a conclusão do Magistério, leciona no município de Montes Claros, no Colégio Berlaar Imaculada Conceição. Mas assim como fez com Samuel, Deus tinha um chamado para àquela moça. E no dia 12 de dezembro de 1950, a jovem Sophia, amiga da sabedoria e de Deus, torna-se mais uma filha predileta da Santa Madre de Ávila, atravessando os umbrais do Carmelo Nossa Senhora Aparecida, em Belo Horizonte e tornando-se Ir. Maria Angélica da Eucaristia. Como toda joia que emite luz, mesmo no silêncio do Carmelo, Ir. Maria Angélica pela sua vida exemplar e de doação, regressa a sua “terra natal”, por um apelo, do sacerdote jesuíta, Padre Henrique Muñáiz Puig e com o apoio de Dom José Alves Trindade para a fundação de uma Comunidade Carmelita em Montes Claros. E no ano de 1977, Ir. Angélica, juntamente com mais cinco religiosas aportam em uma casa provisória, até o ano de 1980, quando concretizam a construção do Carmelo Maria Mãe da Igreja e Beato Paulo VI, onde residem até os dias atuais. Assim, a discípula de Teresa de Jesus e de São João da Cruz, plantará e continuará a colher

os diversos frutos do amor, nestas quase quatro décadas, junto a um dos “pombaizinhos” iniciados pela Reforma Teresiana do Carmelo, no século XVI, na cidade de Ávila, Espanha.

Voltando a biografada deste livro, Santa Elisabete da Trindade, deixemos que ela mesma se apresente. No dia 21 de novembro, festa da apresentação de Nossa Senhora, as carmelitas renovam a profissão de seus votos. Enquanto Elisabete da Trindade pronuncia de novo com as companheiras, no Carmelo de Dijon, em 1904, a fórmula dos votos, sente um impulso de graça irresistível que a transporta à Santíssima Trindade. Ao voltar à cela, escreve num só lance e sem hesitação, como um grito emanado do coração, uma das mais belas declarações de elevação e amor aos seus “Três”: “Ó meu Deus, Trindade que adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente de mim mesma para fixar-me em Vós, imóvel e pacífica, como se minha alma já estivesse na eternidade...; Ó meu Cristo amado, crucificado por amor, quisera ser uma esposa para vosso Coração, quisera cobrir-vos de glória, amar-vos....; Ó fogo devorador, Espírito de amor, vinde a mim para que se opere em minha alma como que uma encarnação do Verbo...; Ó meu Três, meu Tudo, minha Beatitude, Solidão infinita, Imensidade onde me perco, entregó-me a vós como uma presa. Sepultai-vos em mim para que eu me sepulte em vós, até que vá contemplar em vossa luz o abismo de vossas grandezas”.

Por estes escritos, que poderíamos definir como um verdadeiro manancial de intimidade com a Santíssima Trindade nos despedimos pelas palavras de sua irmã Madre Maria Angélica da Eucaristia:

*Meu ideal de amor é dar-me totalmente,
Imolar-me na dor, ser crucificada.
Gastar-me toda inteira e silenciosamente,
Enquanto espero o “veni” à celestial Morada.*

*Ó Mestre amado é este o meu anelo,
Amar-te muito, louvar-te em meu degredo.
Passar a vida inteira, ó celestial enlevo,
Dizendo sempre “sim” ao divinal apelo!*

*Viver silenciosa, oculta em meu Carmelo,
Sofrer, morrer de amor é este o meu anelo.
Travar o bom combate sobre a terra,*

*Ganhar enfim a palma, vencida a guerra.
Louvar-te a após na Pátria onde me espera
A mais doce visão que é o céu encerra:*

*- Maria, doce Mãe, sem igual na terra
E Cristo, meu Esposo, que triunfador impera
E entrega ao Pai a Nova Humanidade,
Em Hino de Louvor e Glória à TRINDADE!*

Agradecido pelo carinhoso e honroso convite para apresentar esta Obra e a Tradutora da mesma, não seria justo, encerrar este *Prefácio*, sem compartilhá-lo com a Comunidade Carmelita Descalça de Montes Claros, que tem bebido na fonte de amizade, amor e oração junto à Madre Angélica. São elas: Irmãs Maria Aparecida do Menino Jesus (*In Memoriam*), Maria Teresa Margarida do Sagrado Coração de Jesus, Maria Flávia de São José, Myrian da Anunciação, Maria Inês de Jesus Eucaristia, Maria Cecília da Eucaristia, Maria Benícia do Menino Jesus de Praga, Maria Elisabeth da Santíssima Trindade, Maristella do Espírito Santo, Maria Verônica da Santa Face, Maria Bernadete da Imaculada Conceição, Maria Clara de Santa Teresa, Maria Luisa da Eucaristia, Maria dos Anjos da Divina Eucaristia, Maria Letícia da Santíssima Trindade, Maria Ângela da Santíssima Trindade e Maria Gema da Eucaristia.

Seja Louvado o Nosso Senhor Jesus Cristo.

Professor Hercílio Martelli Júnior

Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

PRÓLOGO À EDIÇÃO BRASILEIRA

A publicação do livro “Elisabeth da Trindade e sua Missão Espiritual” é a realização de um grande sonho, carinhosamente acalentado ao longo de muitos anos. Sua leitura, com toda a sua riqueza doutrinal, o descortinar dos grandes temas de nossa vida cristã focalizados em Elisabeth pelo olhar de um grande teólogo e místico é algo muito fascinante! Descobrir no mistério da **predestinação** o **amor** de um Deus **Infinito** que se deixa encontrar no **silêncio** da **adoração** ou na simplicidade do **serviço** despertou o desejo, “o sonho” de vê-lo traduzido para nossa língua. Foi feito um pedido ao Padre Hans Urs von Balthasar solicitando a devida licença, e, ele, delicadamente, respondeu através de sua secretária concedendo a licença pedida. Feita a tradução, a mesma foi entregue a um grande admirador de Elisabeth para ser publicada. Os segredos de Deus ou o caminho dos homens... O fato é que o trabalho, datilografado na época, desapareceu nos arquivos dos anos... não havia jeito de revê-los uma vez que fora feito somente uma cópia datilografada!

Veio o ano 2006 com a comemoração do Centenário de morte de Elisabeth... mas nada a fazer ...O tempo passou, a esperança permaneceu... Mas o amor faz coisas, faz o impossível: a perseverança, a busca incansável de algo que teimava em se ocultar... E um dia, a bondade da Providência divina silenciosamente atuante descobriu nas folhas do tempo e no segredo dos “guardados”, o original da tradução manuscrita.

Foi o despertar alegre e forte de uma certeza de realização, como uma criança que deseja nascer, buscando um caminho para vir à luz! Tudo parecia escuro, sem saída! Porém o Pai vela por seus filhos e conhece os desejos mais íntimos de seu coração. Desperta também no coração dos bons o desejo de ajudar, de estender a mão... E neste jogo divino da Providência um amigo de Deus e das causas boas envidou todos os esforços para que à luz viesse enfim a desejada publicação. E agora o

sonho realiza-se e vai a busca de almas sedentas do infinito, do alimento divino que lhes transmita o DEUS-TRINDADE, o amor de um Deus que se faz carne para nos saciar do Infinito que é ELE.

Irmã Maria Angélica da Eucaristia, ocd
Carmelo Maria Mãe da Igreja e Beato Paulo VI
Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Sumário

PRÓLOGO	13
PREFÁCIO	23
INTRODUÇÃO.....	25
I – PREDESTINAÇÃO	37
II.....	47
III.....	59
IV	71
I – INFINITO.....	79
II.....	93
I – ADORAÇÃO	101
II.....	119
I - LOUVOR.....	131
II.....	143
I - SERVIÇO.....	151
II.....	157
III.....	163

Prólogo¹

Uma coleção como “*La Vigne du Carmel*” não podia ficar indiferente às ressonâncias da espiritualidade carmelitana nos mais diversos meios. É neste espírito que nós publicamos uma seleção de cartas do abade beneditino Dom Chapman, as meditações do sulpiciano Robert de Langeac e ensaios do cisterciense Thomas Merton. Assim, nós nos mostramos atentos a certos aspectos de um quê carmelitano, que um Florisoone ou um Milner souberam colocar bem em relevo.

“*La Vigne du Carmel*” precisava ouvir o teólogo de expressão alemã, Hans Urs Von Balthasar, tratando de Elisabeth da Trindade.

O fato de que um homem tão sensível aos problemas contemporâneos tenha se debruçado sobre uma alma profundamente interior para desvendar a linha teológica de suas experiências não podia deixar de nos seduzir, e os leitores dos “*Escritos Espirituais*” de Elisabeth, certamente encontrarão um enriquecimento na obra que hoje lhes é apresentada. Talvez não seja inútil, para alguns, evocarem brevemente a existência de Elisabeth da Trindade, que terminava na terra há mais de 50 anos³.

Esta vida tão breve (18 de julho 1880 – 9 de novembro 1906) é notável pela segurança e rapidez com que se desenvolveu na linha do apelo inicial. Como Teresa de Lisieux, Elisabeth de Dijon chegou em poucos anos a uma plena maturidade espiritual. No momento em que nossa civilização tomava um rápido e extraordinário desenvolvimento, o Senhor quis mostrar

¹ Da edição francesa (1959).

² A Vinha do Carmelo.

³ Trata-se de informação concernente ao período em que foi publicada a edição francesa – 1959 (trad. Jeanne Ancelet-Hustache).

pela rápida santificação destas duas almas, que o espírito é mais pronto ainda do que a matéria.

Colocada como está sob o signo da pura interioridade, esta vida tem ainda seu caráter essencial de espírito: descobrir em si a presença de um Deus que é Três Pessoas, viver sob Sua obscura claridade, perder-se de vista para procurar Sua glória, atrair os outros “ao grande silêncio interior”.



Precocemente orientada para o recolhimento, a pequena Elisabeth Catez, na tarde de sua primeira comunhão, recebia através das grades do Carmelo de Dijon uma primeira indicação dos planos de Deus sobre ela. Madre Maria de Jesus, a futura fundadora do Carmelo de Paray-le-Monial, evocou a lembrança desta memorável conversa: “Disse-lhe que de acordo com o significado de seu nome, ela

era a feliz casa do bom Deus. Este pensamento a impressionou: eu o escrevi no verso de uma estampa não duvidando que o mistério da habitação divina da Santíssima Trindade na sua alma, tornar-se-ia a palavra própria de sua vocação de graça...”

Elisabeth engajou-se no seu caminho, não levemente, mas com uma simplicidade e uma decisão que desconcertam nossa lentidão em crer e decidir. Bastou-lhe, numa manhã durante a ação de graças, sentir-se irresistivelmente impelida a tomar o Senhor como Esposo, para unir-se a Ele sem demora, pelo voto de virgindade (ela tem cerca de quatorze anos). Uma outra vez, a palavra “Carmelo” foi pronunciada em sua alma. Desde então ela não pensa senão em retirar-se detrás das grades do claustro. Aos dezessete, Elisabeth pede categoricamente para entrar no Mosteiro de Dijon. Em semelhantes casos, é preciso contar sempre com a bendita prudência contemporizadora do ambiente, fonte de delongas das quais uma sólida vocação sabe tirar proveito. Os dois anos de espera impostos a Elisabeth confirmam-na em sua orientação para o Carmelo, e a leitura do Caminho de Perfeição de Santa Teresa também contribui para isso.

Em maio de 1899, obtém em princípio o consentimento de sua mãe e retoma logo o caminho do mosteiro para conversar com Madre Maria de Jesus: *“Nem é preciso dizer que falávamos de oração, conta, a sua era toda simples, sem complicação. O Mestre estava lá dentro, moldando-a a Sua Vontade”*.

É ainda no locutório do Carmelo que, numa manhã de fevereiro de 1900, Elisabeth tem uma conversa transformadora com o Pe. Vallée, o grande dominicano, entusiasmada até a embriaguez com o mistério da Santíssima Trindade. Apoiando-se sobre esta frase de São Paulo: *“Não sabeis que vós sois o templo de Deus?”*, o Pe. Vallée confirma definitivamente Elisabeth no seu atrativo pela vida dentro de si mesma, em comunhão com as Pessoas Divinas. Ela pode agora transpor a porta do Carmelo. O nome teóforo que ela recebe exprime toda a sua vocação: **“Maria Elisabeth da Trindade”**. No dia 11 de janeiro ela pronunciará seus votos, quando a Igreja celebra em sua liturgia, com o batismo de Cristo, a manifestação das Três Pessoas no Jordão.



Sua vida não é outra coisa senão uma perpétua conversa com o Hóspede interior: *“Que importa a ocupação na qual Ele me quer? Já que Ele está sempre comigo, a oração, o coração-a-coração não deve acabar jamais. Sinto-O tão vivo em minha alma! Não tenho senão que me recolher para encontrá-Lo dentro de mim e é isto que faz toda a minha felicidade”* (15 de julho de 1903). Esta plenitude interior desabrochará no dia 21 de novembro de 1904, dia da renovação dos seus votos, na grande oração: **“Ó meu Deus, Trindade que adoro”**, que nutriu gerações de sacerdotes e fiéis.

Mas a vida espiritual autêntica é um contínuo ir além. Uma nova etapa será marcada pelo ultrapassar do próprio recolhimento e levará Elisabeth a não ser senão a “coisa” de Deus, o instrumento de Sua glória. É em S. Paulo que ela encontrará o segredo deste aprofundamento, como Santa Teresinha do Menino Jesus, sua êmula, encontrou ali sua vocação ao amor. No verão de 1905, durante um recreio, uma irmã

chama a atenção de Elisabeth sobre a passagem do Apóstolo: “*Ele nos escolheu a fim de que sejamos santos e imaculados em sua presença, no amor... ao louvor de glória de sua graça*”. (Efésios 1, 6) Ei-la tocada no coração pela palavra inspirada. Por que não se tornaria ela mesma este louvor de glória? Por que não tomaria como nome próprio a expressão latina que encontrou no texto: “*Laudem gloriae?*” Doravante ela assinará suas cartas com este nome.

Mas, a glória de Deus consome aqueles dos quais se apossa. Na quaresma de 1906, uma grave doença de estômago se declara e, na manhã de Ramos, Elisabeth recebe a Unção dos Enfermos. Ela ainda deverá viver longos meses em face da morte, numa espera muitas vezes estafante, dilacerada entre o desejo de ver Deus e o de realizar Sua Vontade até o fim.

Sob o aguilhão da dor física, ela se mergulha no recolhimento interior. Acontece que em alguns momentos o véu se rasga, como na manhã da Ascensão (1906) quando: “*esta palavra me foi dita no fundo da alma*”: “*Se alguém me ama, meu Pai o amará e viremos a ele e faremos nele nossa morada, no mesmo instante eu vi como isto era verdade. Não saberia dizer como as Três Pessoas divinas se revelaram, entretanto eu as via tendo em mim Seu conselho de amor e parece-me que as vejo ainda assim...*”

Entretanto, o mais das vezes, é o vazio interior, a impotência. No curso de penosas insônias, num estado de esgotamento que mal lhe permite segurar um lápis, Elisabeth anota ainda as ideias diretrizes de seu último retiro. Depois, ela entra no grande sofrimento das últimas semanas: “*Deus é um fogo consumidor, é Sua ação que eu suporte*”, dizia ela, fazendo alusão à inflamação interna que lhe carcomia até os ossos. Nos oito últimos dias ela não podia absorver sequer uma gota d’água, mas encontrava ainda a força de murmurar ao Amor: “*Trinta, quarenta anos ainda, se Tu queres, estou pronta. Esgota toda a minha substância por Tua glória, que ela se destile gota a gota pela Tua Igreja...*”

A resposta do Senhor veio antes mesmo que os véus se rasgassem. Escutaram Elisabeth murmurar: “*É pleno de luz, é grande, é...*”

E suas últimas palavras inteligíveis foram estas: “*Eu vou à Luz, ao Amor, à Vida!*”

A rapidez com que esta jovem monja se santificou não deve nos sugerir a imagem de uma perfeição metódica e desesperadora como só existe nas biografias piedosas. Desde sua infância, ela conheceu escrúpulos e incertezas. Durante seu noviciado no Carmelo, para encontrar um pouco de paz, viram-na obrigada a confessar à sua priora estados de tentações “*tanto mais humilhantes, quando o menor sopro parecia dever bastar para libertá-la*”. Apoiar-se-á fortemente sobre Madre Germana de Jesus durante os últimos meses de sua vida, quando a obra de destruição operada pela doença repercutirá na sua sensibilidade. Muitas vezes, será obrigada a deslizar por baixo do sofrimento, incapaz de elevar-se acima dele. Mas, Elisabeth morreu feliz por ter deixado “*seu estado de alma de outrora, para encontrar-se na fé pura, nas trevas interiores*”. Eis o que nos reconforta singularmente; este comportamento não é o de uma criança mimada nem de uma exaltada. Sem dúvida, existe nela e mesmo no seu estilo, uma ponta de romantismo, a vibração de uma natureza muito dotada para a arte, mas, sobre a qual, a razão deve guardar seus direitos. Elisabeth, é verdade, não é uma intelectual, ainda que tenha o ar de agradar aos intelectuais. Leu pouco, mas assimilou com uma facilidade muitas vezes inquietante tudo o que leu. Os textos de S. Paulo não cessam de voltar sob sua pena. As expressões do Pe. Vallée tornam-se propriedade sua e o seu último retiro contém fragmentos inteiros de Ruysbroek. Enfim, não era sua missão exprimir as realidades espirituais de modo original – devia vivê-las, o que é preferível.

Um traço saliente do seu caráter é este fogo, que se manifestava desde a infância por violentas cóleras, acompanhadas de gritos e de bater dos pés. Mais tarde, a paixão aprenderá a se conter sob a ação de uma vontade de ferro, que não é de espantar se encontrasse numa filha de oficial, formada desde cedo numa disciplina austera. No fim de sua existência, Elisabeth castiga seu pobre corpo esgotado e o arrasta até a tribuna da capela. Mas, pode-se ainda falar de força, já que só a oração lhe permite suportar seus sofrimentos?

Mesmo neste extremo, nada de trágico. De caráter jovial, eminentemente social, Elisabeth sempre se achou à vontade entre as pessoas. Outrora, durante as reuniões mundanas, ela não dava a impressão de se aborrecer, quer dançasse, quer tocasse piano... No Carmelo, ela conservará esta jovialidade, este equilíbrio profundo que se guarda da exaltação... A prova da vida monótona, minuciosa até o menor detalhe, vivida sempre com as mesmas pessoas, num estreito perímetro, a encontrará sempre igual a si mesma, embora ela tenha facilmente razões para entusiasmos factícios. É preciso ter isto presente diante dos olhos para apreciar, em seu justo valor, esta monja ardente e equilibrada.

A lição que ela nos dá é válida ainda? Após ter conhecido uma larga difusão no período de pós-guerra de 1914, as “Memórias” correm o risco de caírem no esquecimento?⁴

Numerosos de nossos contemporâneos abandonam a leitura dos espirituais para se consagrar a tarefas que acham mais urgentes. Põe-se facilmente em defesa contra experiências pessoais de originais que ameaçam, por seu exemplo, afastar os fiéis de um contato todo objetivo com a Palavra de Deus apresentado no seu contexto litúrgico. Esta reação é validamente inspirada pelo desgosto dos sonhos vazios da espiritualidade, de “iluminados” que, vivendo à escuta de si mesmos fazem o diário de seus estados de alma. Mas, nada é menos subjetivo do que a experiência religiosa autêntica, quando se sabe desprendê-la das expressões sob as quais se entrega. Como se poderia recusar o privilégio da objetividade a quem, durante toda sua vida, se apaga diante do objeto de seu amor, quando tantas outras se procuram perdidamente em tarefas mais realistas e mesmo mais altruístas? Quando Elisabeth, absorvida em Deus, escreve: “*Eu vivo no Amor, aí me perco, é o infinito*” (1903), não se pode dizer que ela cultivava seu ego... E por que fazer uma comparação desfavorável entre esta presença transubjetiva do Cristo na alma do místico, as palavras do mesmo Senhor tais como a Escritura nos narra, ou seus gestos santificadores realizados no seio da Igreja em clima litúrgico, pois tudo isto é uma só coisa?

Os autênticos espirituais, porém, viveram o que nós descobrimos

⁴ Reeditadas em 2006, por ocasião do Centenário de morte da Beata Elisabeth da Trindade.

atualmente, mas, eles o fizeram à maneira do seu tempo, e nós temos, muitas vezes, a ingenuidade e a pequenez de repreendê-los... Eles permaneceram como nós, no interior deste mistério que a teologia de todos os tempos se esforçou para sondar e viver: a fé nua, despojada das falazes luzes do espírito humano, reunidas na densidade das palavras reveladas.

Formada no dogma durante seu noviciado, por Madre Maria de Jesus, cuja piedade era toda de fé, Elisabeth não se engajou na sua vocação senão sob a palavra do teólogo: “*O Pai está lá, o Filho está, o Espírito Santo está...*” (Pe. Vallée). Pode-se censurá-la, depois de um entretenimento de duas horas, que ela tivesse pressa que o teólogo se calasse, para que pudesse aprofundar e unir-se à realidade evocada por suas palavras? Bíblica até o fundo da alma, ela dizia de S. Paulo: “*Ele me comunica a vida eterna...*” Pensa-se nos primeiros cristãos, incapazes na maioria, de especulações, procurando na Escritura “para sua instrução”, a “constância e a consolação”, fonte de toda “esperança”.

Seria muito ingênuo crer que Elisabeth da Trindade, porque era fortemente voltada para o interior, não tivesse sensibilidade pelo próximo. Jovem, aproveitava todas as ocasiões para se dedicar ao outro, à maneira do seu tempo. O cuidado pelo outro tem um grande lugar no seu diário de adolescente. Como Teresa do Menino Jesus, ela manifesta aí uma especial predileção pelos “pecadores”, a ponto de se oferecer como vítima por sua intenção a 16 de julho de 1900. No claustro, ela comunga intimamente a oração de Cristo, “*permanecendo como um pequeno vaso à fonte da vida, a fim de poder em seguida comunicá-la às almas, deixando transbordar estas ondas de caridade infinita*”. Ela se santifica pelos outros para que eles sejam santificados na Verdade.

Sem dúvida, o apostolado contemplativo desconcerta a maior parte de nossos contemporâneos por sua eminente simplicidade. Ele transcende totalmente as técnicas de propaganda, os estudos sociológicos do meio. Pois, entre os contemplativos há pouco disto; são pessoas de pura espontaneidade interior, do amor que inventa do íntimo, a cada instante, suas próprias expressões e só subsiste graças a este jorrar perpétuo.

Mas não se deve expulsar da república cristã estes “poetas”, que sob uma fachada aparentemente egoísta, são os verdadeiros criadores dos movimentos espirituais. Não se pode aplicar-lhes o que o Padre de Lubac escreveu de alguns inúteis sem os quais a humanidade seria bem indigente...

“Talvez eles tenham uma imperiosa necessidade de se procurar e de se exprimir. Talvez assim, eles se esqueçam mais e escapem melhor de seu ‘eu’ egoísta do que em tarefas ativas mais desinteressantes na aparência. Talvez tenham a missão de esclarecer algum elemento obscuro, que no fundo deles mesmos pede para nascer e que deve tornar-se o bem de todos”.

A Igreja não é uma escola primária onde se prende à Escritura ensinada literalmente como um manual, mas uma escola de sabedoria que conta com escribas avisados, muito pessoais na sua maneira de experimentar e muitas vezes de exprimir as realidades eternas. Entre estes “clássicos” do divino, cujo ensinamento tem um alcance universal, parece que Irmã Elisabeth pode assumir seu lugar.

Dessa forma, ela permanece atual, pois o que responde melhor às necessidades de uma época é precisamente o que não vai à direção de suas modas, de seus preconceitos e de suas opiniões. Assim, a leitura dos espirituais aparece mais útil do que nunca, para evitar a domesticação de um pensamento que seria facilmente oprimido pela consideração da massa, do tangível, da letra, do gesto, da eficácia.

O triunfo dos místicos é do espírito, tanto mais brilhante quanto parece improvável e inesperado para quem conhece o gênero humano. Cada um triunfa neles e com eles de sua mediocridade, contanto que deixe emocionar em si esta cumplicidade com o divino que traz no mais íntimo de sua alma, contanto que aceite experimentar um pouco a bem-aventurada vertigem das profundezas. O contato com uma Elisabeth da Trindade deve nos fazer experimentar *“esta curiosidade apaixonada da vida interior, este desprendimento da parte agitada de nós mesmos, este retiro além do capricho do acontecimento”*, do qual falava a seu respeito um filósofo.

Ser cristão, não é somente admitir e tentar compreender as diversas vocações que desabrocham harmoniosamente no seio da Igreja, é experimentá-las em si mesmo a ponto de ser por isso dilacerado. Unir o cuidado do próximo à procura do Outro, pertencer ao mundo todo e mergulhar-se no mistério, além do mundo dos corpos jamais ter medo do humano, embora visando o desaparego do mesmo.

Sem dúvida, vulnera nossa tranquilidade quando nos deixamos tomar por essa dialética que torna a vida cristã desconfortável, ao mesmo tempo em que lhe dá toda a sua envergadura. Semelhante página de Mounier fica terrivelmente atual:

“O dever da encarnação nos obriga em cada momento do tempo a conservar unidas as condições mais contraditórias para o bom senso, a morrer ao mundo à medida que ele nos envolve, a negar o cotidiano e a salvá-lo, a nos afligir no pecado e a nos rejubilar no homem novo, a não dar valor senão à interioridade e a penetrar na natureza para conquistá-la, a conhecer em nós a dependência de um nada e a liberdade de um rei, acima de tudo, a jamais ter nenhuma destas situações como separadas (por serem substancialmente contraditórias) nem como definitivamente resolvidas numa experiência humana”.

Fora desta tensão de uma vida que rejeita sem cessar o completo, o organizado, o já feito, para se medir com o mistério, não há senão estreiteza de alma e de pensamento. Sectarismo do inovador, imobilismo do homem do passado, finalmente um não vale mais do que o outro.

François de Sainte Marie, OCD

A edição original desta obra foi publicada em 1952 por Jakob Hegner, em Colônia e Olten sob o título de **Elisabeth Von Dijon und ihre Geistliche Sendung**.

Traduzida do alemão para o francês por Jeanne Ancelet – Hustache, ed. Du Seuil, Paris, 1960.

Traduzida do francês para o português por Ir. Maria Angélica da Eucaristia, carmelita descalça (Carmelo Maria Mãe da Igreja e Paulo VI – Montes Claros – Minas Gerais – Brasil).

Prefácio

Esta curta exposição que resume a missão espiritual de Elisabeth da Trindade, a jovem carmelita de Dijon (1880-1906) foi concebida como uma espécie de semelhança à interpretação, aparecida precedentemente da missão de Lisieux. Igualmente aqui, renunciase aos elementos biográficos, já suficientemente apresentados nas “Memórias” e na exposição do Pe. Philipon (cf. as notas), a fim de atrair toda a atenção sobre a doutrina. Não possuímos ainda uma edição crítica dos textos. Entretanto, eles têm uma tal unidade, estão de tal modo circunscritos no seu conteúdo, que adjunções e precisões ulteriores não podem trazer apreciáveis surpresas. Trata-se de deixar os pontos essenciais de Elisabeth falarem por si mesmos num mosaico de textos que os ilumina e não alongar senão discretamente o quadro, por comentários teológicos marginais. Que o leitor excuse o caráter forçosamente despojado deste método que renuncia aos recursos biográficos tanto quanto ao belo movimento de uma síntese pessoal.⁵ É ela que poderá talvez servir melhor ao que está em jogo numa missão doutrinal.

⁵ **Observações:** As cifras entre parênteses reenviam às páginas dos seguintes livros:
- Não precedidas de um outro sinal, cf. *Ecrits Spirituels d' Elisabeth de la Trinité, Lettres et inédits* apresentados pelo R. P. Philipon OP – Vinha do Carmelo.
- Precedidas de M, Carmelo de Dijon – “*A Serva de Deus Elisabeth da Trindade – Memórias*” – 1880-1906.
- Precedidas de P – cf. M.M. Philipon, OP – “*A Doutrina Espiritual de Irmã Elisabeth da Trindade*”, prefácio do R. P. Garrigou Lagrange.
